



# ***SOCIALiS***

**NO ENCALÇO DO CRIME**  
VIOLÊNCIA, PRISÕES, RECLUSOS

**EM DIÁLOGO COM...**  
CLÁUDIA LUCAS CHÉU

**PANDEMIA: NOVAS FORMAS DE VIVER**  
ROTINAS, ESTADOS DE ESPÍRITO, CONSEQUÊNCIAS

**JORNAL DO NÚCLEO DE ESTUDANTES DE SOCIOLOGIA DO ISCTE**

**Nº5 || MAIO 2020**

# ÍNDICE

- 3. **Editorial**
  - 4. **Dossier Temático**  
No Encaço do Crime
  - 10. **Investigação Sociológica**
  - 14. **Em Diálogo com...**
  - 20. **Debate na Imprensa**
  - 22. **Retratos – Ser socióloga**
  - 24. **Pandemia: Novas Formas de Viver**
  - 30. **Núcleo Convidado**
  - 31. **Atividades do Núcleo**
  - 32. **A Tua Voz**
  - 35. **As Nossas Sugestões**
  - 36. **Agenda Sociológica**
- 

## FICHA TÉCNICA

**Edição NESISCTE** || **Coordenação Editorial** Cristiano Oliveira, Rodrigo Rufino

|| **Redação** Alexandre Pereira, Cristiano Oliveira, Igor Correia, Inês Pedro, Liliana Azevedo, Mariana Ferreira, Rodrigo Rufino, Tânia Gomes, Tatiana Neves, Tiago Oliveira || **Colaborações Externas** António Pedro Dores, Catarina Câmara, Mara Clemente, Marta Rodrigues, Nuno Poiars, Otávio Raposo, Patrícia Pedrosa

|| **Grafismo e Paginação** Mariana Ferreira

|| **Ilustrações** Mariana Ferreira || **ISSN 2184-447X**

**Contactos** Avenida das Forças Armadas || ISCTE-IUL, Edifício 2, Cacifo 264 || 1649-026 Lisboa

[nucleosociologia.iscte@gmail.com](mailto:nucleosociologia.iscte@gmail.com)

[www.nesiscte.com](http://www.nesiscte.com)

# EDITORIAL



Liliana Azevedo

Em tempos que ficarão para a memória, o NESISCTE traz mais uma edição do *SOCIALiS* especialmente dedicada à crise de saúde pública.

Nesta 5ª edição não poderíamos deixar de fora a realidade que se abate por todos nós e por isso dedicámos uma rubrica especial, *Pandemia: Novas Formas de Viver* onde recolhemos testemunhos de pessoas dos mais variados perfis: desde estudantes em Erasmus, a profissionais de saúde, passando por pessoas a viver noutros países e continentes.

O *Dossier Temático* sobre o Crime, focado nas prisões, violência doméstica e projetos de reinserção, abre o jornal. Segue-se a *Investigação Sociológica* com um artigo sobre o racismo e violência policial e outro sobre o tráfico humano.

Estivemos *Em Diálogo* com a escritora Cláudia Lucas Chéu onde abordámos a arte no feminino, a importância do digital e o estado da Cultura em Portugal. A partir desta entrevista, aprofundámos a questão da arte teatral em tempos de pandemia e pós-pandemia, percorrendo o *Debate na Imprensa* nas últimas semanas. Apresentamos-vos o *Retrato* de uma socióloga atualmente a estagiar na Comissão Europeia e, logo de seguida, damos-vos conta da rubrica *Pandemia: Novas Formas de Viver* dadas em primeira pessoa por quem a vive de mais ou menos perto; a sua totalidade poderás ler em breve no site do NESISCTE. Resumimos as *Atividades do NESISCTE* realizadas neste semestre e temos como *Núcleo Convidado* o Núcleo de Alunos de Sociologia do Porto. Fechamos esta edição com *As Nossas Sugestões Silenciosas* de livros, música e cinema e, no fim, a *Agenda Sociológica* dos eventos programados.

Esta edição acontece num tempo que exige de todos maior esforço de adaptação e nós, Núcleo de Estudantes de Sociologia do Iscte, estaremos sempre cá para vos ajudar.

# DOSSIER TEMÁTICO

## VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, CONFINAMENTO E COVID-19

**Nuno Poiares**

Oficial Superior da PSP, docente do ISCPSI e investigador do ICPOL

A violência doméstica (VD) é um problema social que ganhou uma particular visibilidade no século XXI, através da consciencialização da sociedade portuguesa para a importância do combate e prevenção deste fenómeno. Nessa senda, o legislador desenvolveu um esforço, sobretudo desde 1999, no sentido de sistematizar um quadro legal que correspondesse às necessidades das vítimas. O bem jurídico protegido no crime de VD abrange a integridade corporal, a saúde física e psíquica, admitindo-se que um comportamento singular bastará para integrar o crime quando assuma uma dimensão ofensiva da dignidade humana. A jurisprudência defende que o traço distintivo deste crime reside no facto de o tipo legal prever e punir condutas perpetradas por quem atue um domínio sobre a vítima, sobre a sua vida e/ou sobre a sua honra e/ou sobre a sua liberdade e que a reconduz a uma vivência de medo, tensão e subjugação, abrangendo a violência entre (ex)marido e (ex)mulher, entre (ex)namorados, relações extraconjugais, com ascendentes, descendentes, entre outros.

O relatório anual de monitorização da violência doméstica (SG-MAI, 2019) revela que, em 2018, foram registadas 26.432 participações pela PSP e GNR. Em 31% dos casos as ocorrências foram presenciadas por menores.

**"COM A PANDEMIA DO NOVO CORONAVIRUS (...), O LEMA EM PORTUGAL PASSOU A SER 'FICAR EM CASA É SALVAR VIDAS', IMPERATIVO ANGUSTIANTE EM PARTICULAR NUM QUADRO DE VIOLÊNCIA."**

Em 2018, o mês em que se registaram mais ocorrências foi agosto e manteve-se a tendência para uma maior proporção de incidentes ao fim de semana. A maioria dos denunciados encontrava-se empregado e os problemas relacionados com o consumo de álcool estavam presentes em 34,3% dos casos e problemas relativos ao consumo de estupe-

facientes em 16,6%. Acresce que, do total de inquéritos de VD ocorridos entre 2012 e 2018 (71.752), 78,5% resultou em arquivamento e, em 2018, essa taxa situou-se nos 79,4% por falta de prova, sobretudo quando a vítima se recusa a depor, em particular porque estamos a falar de um crime que ocorre intramuros.



Com a pandemia do novo *Coronavirus Disease 2019* (COVID-19) – os cordões sanitários e a quarentena obrigatória – o lema em Portugal passou a ser “Ficar em casa é salvar vidas”, imperativo *angustiante*, em particular num quadro de violência. O confinamento das famílias veio aumentar os incidentes-rastilho: um pouco por todo o mundo surgem relatos de aumento de tensão e violência entre casais, sugerindo-se a elaboração de planos de segurança, apesar de alguns estudos indicarem que, em situações extremas, a violência na intimida-

de pode diminuir, desde que o agressor consiga gerir a ansiedade e a frustração. O confinamento introduziu vários desafios nas interrelações humanas, em particular no contexto familiar. Em Portugal, a secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, em articulação com a CIG, difundiu um conjunto de conselhos de segurança para as vítimas, disponibilizando contactos e um endereço eletrónico de emergência, propondo algumas ideias para um plano de segurança.

Assim, na conjuntura atual, “ficar em casa é salvar vidas”. Contudo, à luz dos dados mais recentes, a maior proximidade das pessoas (associada a factores como o consumo de álcool e o desemprego), por um período mais prolongado, potencia um quadro de violência. A Sociologia vai desenvolver um esforço no sentido de conseguir uma *radiografia* da realidade no pós-COVID-19 ou uma aproximação aos efeitos do confinamento nas vítimas (in)diretas, mas será um resultado (eventualmente) enviesado se tivermos em consideração o número de processos-crime arquivado por falta de prova. Esse balanço poderá ser feito através das práticas observáveis, quando as crianças de hoje forem os adultos de amanhã.

# DAS PRISÕES

António Pedro Dores<sup>1</sup>

Sociólogo abolicionista e docente do Iscte

Das prisões se diz que são universidades do crime. Ao mesmo tempo, a sua abolição – a abolição do ensino do crime – parece impossível. “Onde se meteriam os criminosos?” – pergunta-se.

O sofrimento provocado pelas prisões é inegável. Tanto para os presos e seus amigos, como para os profissionais. Porém, justiça, o alívio da dor das vítimas, é confundido com encarceramento. Tudo administrado pelo Estado.

■

"DAS PRISÕES SE DIZ QUE SÃO  
UNIVERSIDADES DO CRIME. AO MESMO  
TEMPO, A SUA ABOLIÇÃO – A ABOLIÇÃO DO  
ENSINO DO CRIME – PARECE IMPOSSÍVEL.  
'ONDE SE METERIAM OS CRIMINOSOS?' –  
PERGUNTA-SE."

●

A sociologia pode estudar as prisões como elas são ou como elas deveriam ser. Pode focar as suas misérias chocantes ou ignorá-las. A evidência da violência, em termos físi-

cos e psicológicos, é difícil de produzir. Quando um preso se comporta de forma demente ou um guarda aparece embriagado, isso é um efeito da prisão ou uma condição ou escolha pessoal?

Embora a demência e o uso de drogas seja, nas prisões, bastante mais comum que no exterior, a verdade é que, em cada momento, a maioria das pessoas se comporta de forma tranquila, excepto quando há motins. O que fazer, então, com as demências e as drogas, na prisão e fora delas?

As prisões, claro, não tratam desses problemas como questões de saúde. São instrumentos do proibicionismo das drogas, que trata como problemas de segurança aquilo que é o principal auxiliar de disciplina, nas prisões: as drogas e a indução da alienação.

Metade dos presos são filhos de presos; mais do que isso entraram mais de uma vez nas prisões; um número ainda maior veio de instituições de acolhimento de jovens e crianças em risco, nunca conheceram uma família que os defendesse da sociedade.

Há uma forte selecção de quem vai preso: a impunidade de uns corresponde à mão pesada para outros. As pessoas isoladas usa-

das para mão-de-obra para a economia paralela são as mais vulneráveis. Por isso, proporcionalmente, há mais estrangeiros presos. O preconceito contra ciganos e negros materializa-se nas populações prisionais.

▪

"METADE DOS PRESOS SÃO FILHOS DE PRESOS; MAIS DO QUE ISSO ENTRARAM MAIS DE UMA VEZ NAS PRISÕES; UM NÚMERO AINDA MAIOR VEIO DE INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO DE JOVENS E CRIANÇAS EM RISCO (...)."

•

Quase todos os presos são homens, ou rapazes. Não há uma explicação sociológica sobre por que assim é. Embora seja um fenómeno de proporções extraordinárias, comparado com outros fenómenos sociais.

Há orientações punitivas em muitos movimentos feministas: imaginam que se os tribunais mandarem prender abusadores sexuais isso dissuade os outros. Na verdade, a experiência secular do uso do sistema criminal mostrou que o desejado efeito preventivo é mera retórica.

Do mesmo modo que a violência doméstica não acabou com a sua criminalização, também a corrupção não acabou, nem sequer com a mega-operação *Mãos Limpas*, em Itália.

As prisões são o fundo de um sistema de canalização de restos humanos produzidos como lixo de que ninguém quer cuidar. Crianças isoladas e mal-tratadas, socialmente doentes, são empurradas daqui para acolá. Quando adultas, uma parte é usada como prisioneira. Esse é o perfil mais vulgar nas prisões.

---

<sup>1</sup> O autor escreve segundo o antigo acordo ortográfico.

# A ENTREVISTA — CORPOEMCADEIA

Catarina Câmara

Bailarina, professora de dança e coordenadora do projeto Corpoemcadeia

**SOCIALiS:** O que é o projeto do Corpoemcadeia<sup>2</sup>? Como surgiu?

**CATARINA CÂMARA:** O Corpoemcadeia é um projeto PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão Social), apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian que promove a intervenção artística e social junto de comunidades em situação ou em risco de exclusão social. A ideia foi levar a dança contemporânea, designadamente, aquilo que é a prática artística da Companhia Olga Roriz (com a qual colaboro há 17 anos como docente e bailarina), suas metodologias criativas e recursos humanos, articuladas com as técnicas de intervenção da Psicoterapia Gestalt, junto de uma população que é invisível aos olhos da sociedade e com acesso praticamente nulo à cultura: a população prisional. [...]

Há muito tempo que vinha gestando este projeto. Entrelaça as pontas soltas do meu percurso académico e profissional: o Direito, a Dança e a Psicoterapia Gestalt (PG). [...]

Sempre me senti atraída por aquilo que se move na sombra, na periferia do visível. Gosto de acreditar que ao “mergulharmos” nessa massa subterrânea, podemos provocar uma ondulação que desestabiliza a superfície. E aí entra o gesto poético, o punhal do artista.

Fratura, desestabiliza, cria novos mapas associativos que baralham as estruturas do Amor e do Poder.

“NÃO ESQUECEREI O QUE UM DOS  
RAPAZES PARTILHOU LOGO NAS PRIMEIRAS  
SESSÕES: ‘AQUI SINTO-ME LIVRE. POSSO  
PRATICAR A GENTILEZA’.”

A cadeia é desses grandes “fantasmas” sociais, o elefante na sala que ninguém quer ver. A prisão serve a muito poucos. Basta perceber quem representa a população prisional e qual o seu contexto socio-criminal, para entender que não estamos a dar resposta à problemática social que se esconde por detrás das grades. A cadeia ajuda também a desviar o foco de outros acontecimentos de natureza criminosa, levados a cabo por agentes políticos e económicos. Estamos a falar de decisões de todos os dias e que põem em risco o equilíbrio social e ecológico, decisões muitas vezes incompatíveis com qualquer sistema de vida.

**SOCIALiS: Fazendo uma reflexão sobre o mesmo, o que é que foi cumprido de acordo com as ideias iniciais? O que é que surgiu de novo que não foi programado? Como geriram estas "novidades"?**

**CC:** Tal como ambicionávamos, conseguiu-se criar um espaço estimulante e exigente ao nível da prática artística, onde todos participam com dedicação e entusiasmo. O grupo tem estado a receber formação em dança pela equipa artística e docente da Companhia Olga Roriz (COR).

Devido à situação atual (Covid-19), tivemos de suspender as atividades presenciais no Estabelecimento Prisional, mas continuamos em contacto, lançando desafios criativos à distância. [...]

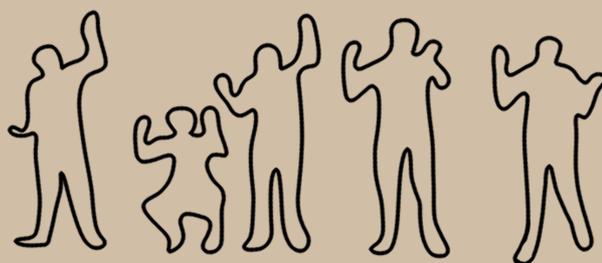
Tem sido surpreendente constatar como o social e o artístico se potenciam quando articulados com imaginação e flexibilidade. Maior pegada artística gera maior pegada social e o inverso também. [...]



**SOCIALiS: Como é trabalhar com este público alvo?**

**CC:** Tenho tido o privilégio de encontrar muitos tipos de paisagens humanas. Para mim é sempre mais fácil e estimulante o contacto com um ser humano em ruínas do que com um ser humano armado de betão. No primeiro é mais uma questão de reorganizar os materiais, criar novos alinhamentos e conexões, não é preciso detonar para reconstruir. Há caos e há espaço para o movimento. Estou a generalizar, claro, embora reveja muitos dos rapazes do Estabelecimento Prisional do Linhó (EPL) nessa primeira paisagem. [...]

Não esquecerei o que um dos rapazes partilhou logo nas primeiras sessões: “Aqui sinto-me livre. Posso praticar a gentileza”. [...]



**LÊ A ENTREVISTA COMPLETA NO SITE DO [NESISCTE](#)**

<sup>2</sup> Para mais informações acerca do projeto consultar [aqui](#)

# INVESTIGAÇÃO SOCIOLÓGICA

## O TRÁFICO DE PESSOAS É UM PROBLEMA CRIMINAL?

### ALGUMAS RESPOSTAS DO CAMPO PORTUGUÊS

**Mara Clemente**

Investigadora integrada no CIES\_iscte

Em dezembro de 2000, após mais de dois anos de negociações, mais de 80 países assinaram o Protocolo sobre Tráfico de Pessoas, adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional. Desde então, a definição de tráfico expandiu-se para incluir outras formas de exploração, além do tráfico de mulheres e meninas para fins de prostituição, que mobilizou a luta contra o tráfico a partir do final do século XIX. Nos últimos vinte anos, enquanto o número de países signatários do principal instrumento jurídico contemporâneo para combater o tráfico aumentou, o debate político e a pesquisa sobre o tráfico – isto é, o movimento de pessoas com o objetivo da sua exploração, sobretudo laboral – foram gradualmente caracterizados por conceitualizações concorrentes da natureza e das causas do tráfico, bem como das maneiras de o combater. Assim, o tráfico tem sido descrito como uma forma de ‘escravatura moderna’, um problema migratório, de trabalho, de direitos humanos, além de uma questão de

violência de género. Apesar dessa heterogeneidade, a definição de tráfico do chamado Protocolo de Palermo tem contribuído para uma conceitualização dominante do tráfico como um crime cometido por redes criminosas transnacionais, a ser combatido por meio de estratégias como o fortalecimento dos controlos das fronteiras, políticas restritivas de migração e operações de rusgas e resgate.

Contudo, a pesquisa sobre tráfico que levei a cabo ao longo dos últimos anos em Portugal, com a participação de representantes do atual sistema de combate ao tráfico e, especialmente, de homens e mulheres ‘traficados’, afasta-nos de uma conceitualização de tráfico como um evento criminoso isolado e violento na biografia das ‘vítimas’. Ela sugere uma leitura do tráfico como um processo mais amplo no qual a vida antes do tráfico, com as suas marginalidades e desigualdades estruturais, está inextricavelmente entrelaçada com as trajetórias de mobilidade e exploração. As experiências de tráfico de homens e mulhe-

es, portugueses e não portugueses que encontrei, são, em primeiro lugar, experiências de mobilidade, nas quais a necessidade de procura de trabalho é frequentemente entrelaçada com ambições mais mundanas, começando por aquelas que dizem respeito às viagens e descobertas de novas geografias e ao conhecimento de novas pessoas.

▪

**"A DEFINIÇÃO DE TRÁFICO EXPANDIU-SE PARA INCLUIR OUTRAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO, ALÉM DO TRÁFICO DE MULHERES E MENINAS PARA FINS DE PROSTITUIÇÃO (...)."**

▪

A mobilidade, no entanto, além de ser parte integrante da vida humana e uma característica estrutural de muitas sociedades como a portuguesa, continua a constituir um bem desigualmente distribuído. Experiências de trabalho e/ou mobilidade limitada, a falta de meios financeiros ou de uma rede familiar e/ou amigos de apoio podem limitar a mobilidade de muitas pessoas que precisarão da ajuda de alguém – os ‘traficantes’ – frequentemente distante das grandes redes transnacionais que ocupam o discurso político e dos media.

No geral, a pesquisa empírica que desenvolvi sugere cautela na categorização estática e binária das pessoas em ‘migrantes’ *versus* ‘vítimas’, assim como na descrição do tráfico exclusivamente como um problema criminal. Em termos estratégicos, ela desafia os remédios atuais para o tráfico e chama a atenção para a oportunidade de intervenções que procurem atender às necessidades dos trabalhadores e das trabalhadoras, especialmente informais e/ou precários, em movimentos migratórios.



“AQUI SÓ TEM PRETOS E CRIMINOSOS”.

RACISMO INSTITUCIONAL E BRUTALIDADE POLICIAL NAS MARGENS DE LISBOA<sup>3</sup>

**Otávio Raposo**

Investigador integrado do CIES\_Iscte e professor auxiliar convidado do Iscte

O artigo «Negro drama. Racismo, segregação e violência policial nas periferias de Lisboa» (2019), escrito por Ana Rita Alves, Pedro Varela, Cristina Roldão e eu, foi uma tentativa de sistematizar o conhecimento sobre racismo institucional, violência policial e desigualdade racial, tendo em conta a nossa experiência de pesquisa (e ativismo) em bairros de maioria negra nas periferias de Lisboa. Embora o racismo institucional esteja enraizado na sociedade portuguesa – sendo a violência policial uma de suas faces mais brutais –, a sua invisibilidade torna difícil compreendê-lo e enfrentá-lo. O baixíssimo número de publicações científicas a abordar esta problemática em Portugal é uma expressão dessa invisibilidade, que silencia processos mais amplos de racialização, vigilância e criminalização dos espaços periféricos e dos corpos que neles habitam. Por esses motivos, um dos objetivos deste texto foi potenciar o debate público, em particular na academia, sobre um tema sensível e urgente em Portugal.

A história deste artigo começa em janeiro de 2015, quando Pedro Varela e eu (indiví-

os identificados como brancos) fomos revistados e interrogados por oito polícias na Cova da Moura numa das noites em que fazíamos pesquisa etnográfica sobre artistas imigrantes. Após um primeiro momento de intimidação, os polícias iniciaram uma campanha de teor racista contra o bairro e os seus habitantes. E aí disseram-nos frases como: “Não sabem que isto é o cancro do país?! Aqui só tem pretos e criminosos. É só escumalha”; “Isto aqui é a selva”; “Achas que isto é um bairro de trabalhadores? A maior parte acorda de manhã para planear roubos”. Por fim, disseram-nos em tom de ameaça: “Não queremos vir cá um dia buscar-vos mortos. Eles dizem-se amigos, mas matam-se uns aos outros” e “Os pretos que vivem aqui não são iguais a nós. Desta vez a gente trata-vos como iguais, mas para a próxima podem ser tratados como os diferentes”.

Se este episódio ilustra a ideologia racista que formava o pensamento daqueles homens, representantes das forças de segurança pública do país, poucas semanas depois a violência policial dirigida a um grupo de jovens afrodescendentes da Cova da Mou-

ra apresentaria sem disfarces as suas consequências mais nefastas. Este caso levou ao banco dos réus dezassete polícias da esquadra de Alfragide acusados pelo Ministério Público de insultos, ofensa à integridade física, tortura, sequestro, disparos com balas de borracha, falso testemunho e outros crimes agravados por ódio racial contra jovens afrodescendentes. Este é o pano de fundo do artigo «Negro Drama», que alarga a discussão sobre violência policial, racismo institucional e estigmatização territorial a outros bairros racializados das margens de Lisboa.

▪

**“EMBORA O RACISMO INSTITUCIONAL  
ESTEJA ENRAIZADO NA SOCIEDADE  
PORTUGUESA (...) A SUA INVISIBILIDADE  
TORNA DIFÍCIL COMPREENDÊ-LO E  
ENFRENTÁ-LO.”**

▪

Começamos com o estado da arte sobre o racismo institucional e o papel da ideologia luso-tropicalista na sociedade portuguesa, para nos subcapítulos seguintes contextualizar historicamente a criminalização da juventude negra das periferias de Lisboa e utilizar a análise estatística para dimensionar a desigualdade racial em Portugal. Nos bairros de maioria negra das periferias de Lisboa, o racismo e a criminalização da pobreza entrelaçam-se para criar estereótipos, desigualdades e injustiças, legitimando a violência extralegal da polícia. Uma das conclusões a que chegamos recai justamente sobre essa criminalização *a priori* da juventude negra, transformada pelos media e as instituições do Estado em potencial agrupamento de bandidos e detentores de uma moralidade duvidosa. Este processo de segregação extrema converte as medidas repressivas (e abusivas) da polícia nos bairros das periferias de Lisboa num recurso legítimo, normalizando aos olhos da opinião pública graves processos de desumanização. Boa leitura!

---

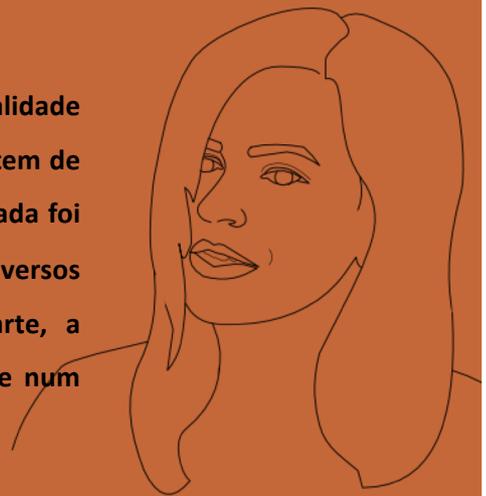
<sup>3</sup> Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito do projeto “O Trabalho da Arte e a Arte do Trabalho. Circuitos criativos de formação e integração laboral de imigrantes em Portugal”, coordenado por Lígia Ferro e Otávio Raposo, e financiada pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM) e pela Comissão Europeia (CE) no âmbito institucional do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte) do Instituto Universitário de Lisboa (Iscte).

# EM DIÁLOGO COM...

**Cláudia Lucas Chéu**

**Escritora, poeta e dramaturga**

O *SOCIALiS* entrou em contacto com Cláudia Lucas Chéu, personalidade marcante no panorama artístico português, para uma conversa que tem de tanto agradável como de interessante. Durante a nossa entrevista nada foi deixado de parte, onde a dramaturga, poeta e escritora aborda diversos tópicos, desde a sua apresentação e inserção no mundo da arte, a influência do digital no mundo artístico, a sua opinião sobre a arte num olhar feminino, entre outras questões.



**SOCIALiS:** Já foi atriz, é encenadora, poetisa, dramaturga, escritora. Como é que se auto intitula a nível profissional? É ligada a todos os seus papéis artísticos ou prefere ser associada a apenas um papel?

**CLÁUDIA LUCAS CHÉU:** Houve ali um período da minha vida em que tive dificuldade em dizer exatamente qual era a minha atividade. Agora já não tenho. Ainda recentemente me pediram uma minibiografia e eu rapidamente tive noção de dizer que a minha atividade, ou as minhas atividades, neste momento, são escritora, poeta e dramaturga. Porque são, de facto, aquilo que eu tenho feito com maior regularidade nos últimos anos.

(...) Eu fiz o curso de atriz e trabalhei ainda 10 anos profissionalmente como atriz, mas eu neste momento já não tenho nenhuma ligação com a representação a não ser do ponto de vista dos bastidores. Mas também,

sobre esse aspeto já é muito pontual, só muito de vez em quando é que eu já faço direção de atores ou encenação.

Portanto, neste momento, eu realmente sinto-me só como escritora, como poeta e como dramaturga porque é o trabalho que tenho desenvolvido nos últimos anos, portanto identifico-me mais agora com estas atividades.

**SOCIALiS:** Como é que se inseriu neste mundo da arte? Como é que foi apresentada à arte?

**CLC:** Foi engraçado, porque realmente foi sem ter planeado, sem ter previsto. (...) a génese do gosto começou na adolescência com a literatura, mas eu rapidamente, por volta dos 14 anos, comecei a fazer teatro, na escola ainda, portanto um teatro escolar. E percebi que também gostava muito dessa área. E a minha grande dificuldade, depois,

quando cheguei ao final da escola secundária foi decidir se ia para literatura, se ia para teatro. Acabei por decidir: fui para literatura primeiro. Tirei estudos portugueses na [Faculdade] Nova [de Lisboa] e só depois é que fui fazer o Conservatório de Teatro. Portanto, acabei por misturar as duas áreas de interesse sem ter propriamente planeado, as coisas foram acontecendo.

O que aconteceu foi: já tinha terminado o curso de literatura, e estava a trabalhar como jornalista. Fiz uma audição para o Teatro Aberto e fui escolhida para trabalhar como atriz e foi aí que eu disse “Bom, então eu realmente tenho que tirar o curso profissional de atriz”. As coisas misturaram-se e foram de uma forma muito fluida, não foi propriamente tipo: “Eu agora tenho que fazer isto ou aquilo”. As coisas foram acontecendo naturalmente.

Mas, realmente, foram sempre estas as duas áreas de interesse: ou representação ou literatura.

**SOCIALiS: O facto de ter essas visões ambivalentes, ajudou-a a apreciar a arte de outra forma?**

**CLC:** Pois, não sei. É curioso, porque eu nunca pensei dessa forma: “Eu gosto de arte”. Percebem? Nunca senti que a arte fosse uma coisa diferente de outra coisa qualquer. Aliás, eu dou muitas aulas de escrita neste momento, e é uma coisa que eu costumo di-

dizer que escrever textos é como ser sapateiro e arranjar sapatos, ou seja, eu vejo como um ofício. Qualquer ofício artístico, para mim, tem o mesmo nível de rigor, de profissionalismo, de trabalho, de entrega, que um outro ofício [não artístico]. Portanto, eu não consigo muito bem separar esta questão das artes das outras áreas.

■

“É CURIOSO, PORQUE EU NUNCA PENSEI  
DESSA FORMA: “EU GOSTO DE ARTE”. (...)  
NUNCA SENTI QUE A ARTE FOSSE UMA COISA  
DIFERENTE DE OUTRA COISA QUALQUER .”

■

**SOCIALiS: Considera que o digital influenciou este ofício artístico?**

**CLC:** Influenciou, e influencia, e agora mais nos tempos que estamos a viver. (...)

Há duas situações diferentes: em relação ao teatro, eu tenho uma companhia de teatro que é a Teatro Nacional 21 e há muitas outras companhias que neste momento estão a desenvolver um trabalho extremamente interessante, precisamente pelo período que estamos a viver. Um trabalho que é especificamente pensado e feito para plataformas digitais – que foi uma coisa que até à data não foi feita em teatro. Portanto,

pensar em teatro – como nós fizemos há pouco tempo – pensar num monólogo que é passado em direto nas redes sociais só é possível graças a esta era digital e a estas plataformas novas digitais, de redes sociais e de sites e isso tudo.

Em relação à literatura, é positivo também, porque hoje em dia qualquer pessoa que quer publicar um texto tem essa possibilidade, não precisa de nenhuma editora, não precisa de dinheiro, sequer. Por isso eu acho que, de facto, a era digital só veio acrescentar. (...)

■

**“EU ACHO QUE ISTO É UMA COISA QUE PESA MUITO NOS ARTISTAS: É ESTAREM CONSTANTEMENTE DEPENDENTES QUE ALGUÉM GOSTE DELES E QUE ALGUÉM OS ESCOLHA”**

■

**SOCIALiS: A Cláudia pensa que isso altera a forma como nós começamos a interpretar a arte?**

**CLC:** É uma boa pergunta. Nunca pensei muito sobre isso, mas é muito provável que sim. Porque tem que ver com a forma como nós nos relacionamos com o objeto.

É óbvio que isso, aplicado a um objeto artístico, terá uma modificação de interpretação. Não sei qual será, mas que terá uma alteração, terá certamente.

**SOCIALiS: Como disse há pouco, é a fundadora do Teatro Nacional 21. Como é que começou esta experiência na sua vida?**

**CLC:** Essa experiência aconteceu juntamente, com o Albano Jerónimo, com quem eu já trabalhava há muito tempo e com o Francisco Leon, que também faz parte da Companhia desde o início, como produtor. Essa ideia surgiu porque na altura, e ainda hoje acontece, [percebemos que os] artistas estão constantemente a mudar de plataformas, portanto não têm um sítio físico para criar as suas coisas.

Eu na altura já escrevia textos que foram encenados e apresentados no Teatro Nacional, simplesmente ainda não tínhamos essa estrutura com nome, embora a equipa já fosse a mesma antes disso. Eu acho que isto é uma coisa que pesa muito nos artistas: é estarem constantemente dependentes que alguém goste deles e que alguém os escolha. E nós na altura já tínhamos 30 e poucos anos e achamos “Já estamos há alguns anos a trabalhar nisto. Porque não ganharmos a nossa autonomia, a nossa independência e fazermos as nossas coisas sem estarmos dependentes de outras escolhas?”.

**SOCIALiS:** Escreveu para o **Jornal Público** alguns contos que ilustram um pouco do que é viver em tempos da COVID-19. Como tem sido esta experiência em termos pessoais?

**CLC:** Bom, eu não sou nada pessimista nem fatalista, mas acho que temos que viver um dia de cada vez, sem estar com grandes ambições, com grandes perspetivas. Posso dizer-vos: parece um pouco estúpido eu estar às onze da noite a tentar-me maquilhar um pouco e a arranjar-me para dar uma entrevista em casa. Há uns tempos, isto seria uma coisa totalmente impensável.

Eu acho que estamos todos numa situação de “Não estamos a perceber”, porque há aqui uma dificuldade de nós percebermos realmente o que é que está a acontecer. Nós olhamos para o corpo médico e para o corpo científico e percebemos que eles próprios também não sabem exatamente o que é que está a acontecer. Há aqui um sentimento de coletivo que é bastante positivo que está a surgir. Estamos todos em pé de igualdade neste momento e é tentar viver.

Para mim, como escritora, o que eu tenho tentado é registar aquilo que tem acontecido comigo e, de alguma forma, aquilo que eu vejo que vai acontecendo. Porque eu acho, e aqui os artistas são todos bastante perversos, de facto, em termos artísticos, temos noção que isto é um período riquíssimo, porque co-

mo são tempos inéditos, todo o material é absolutamente rico. Portanto, interessa imenso registar, não sendo muito específico, o sentimento que está presente nas pessoas, nos países e no mundo inteiro, mas é, de facto, um período riquíssimo do ponto de vista artístico. (...)

Estes tempos são ricos para os artistas do ponto de vista do conteúdo. Porque do ponto de vista económico são tempos muito complicados para os artistas. Os artistas estão neste momento a faltar a eventos onde seriam renumerados, a cancelar espetáculos. Portanto, do ponto de vista da riqueza económica é bastante complicado.

■

**“A ARTE NÃO É PANFLETO. PORTANTO, É CLARO QUE TODA A ARTE TEM UM CARÁTER SOCIAL INTERVENTIVO, EU ACHO É QUE NÃO TEM DE SER DECLARADO.”**

■

**SOCIALiS:** Pegando um pouco nas palavras da Cláudia, portanto, são tempos ricos para os artistas. E os artistas devem representar ou devem também intervir no que está a acontecer, intervir nas coisas e na sociedade, e marcar a sua presença e a sua arte?

**CLC:** Interventiva como objeto de arte. Do ponto de vista social, eu acho que cabe a cada indivíduo, como artista, decidir se deve intervir ou não. Ou seja, como agente social.

A arte não é panfleto. Portanto, é claro que toda a arte tem um caráter social interventivo, eu acho é que não tem de ser declarado. Eu acho que depois aí já não é tanto o papel do artista, mas o papel do cidadão que também é artista, que decide ou não intervir socialmente em determinadas ações.

**SOCIALiS:** “Veneno” é uma narrativa que foi escrita em 2015. Foi reformulado para uma versão doméstica e apresentado em 2020 em comemoração do dia nacional do Teatro. Como surgiu a ideia? Realizou-se conforme o pretendido ou tinha diferentes expectativas?

**CLC:** Esse texto foi um texto muito curioso, porque eu comecei a escrevê-lo de jorro. Pensando inicialmente que estava a escrever um poema (...), mas depois percebi claramente que não, que seria um texto dramático – dramatúrgico. E então, era um texto que falava claramente de violência doméstica, e eu na altura investiguei material sobre isso e quis, de facto, fazer um texto que fosse além da violência doméstica: violência dentro das famílias. Porque não é só com a mulher, é também sobre os filhos, é o alcoolismo, e de-

pois alguns temas que estavam associados a isso, como por exemplo o racismo, a homofobia. Portanto, é um texto absolutamente politicamente incorreto. Defende todos os princípios sobre os quais eu me debato e rejeito completamente, e eu quis escrever exatamente isso para mostrar que é uma realidade que existe e que tem de ser mostrada, exatamente para ser combatida.

■

**“O QUE É PRECISO NESTE MOMENTO É AS MULHERES PODEREM CRIAR DE IGUAL FORMA, COM O MESMO RESPEITO E COM A MESMA CONSIDERAÇÃO E COM O MESMO RENDIMENTO FINANCEIRO (...).”**

■

(...) Foi um texto que gerou, e que gera cada vez que é mostrado, muita polémica, muita perturbação. Posso dizer, por exemplo, que nós tivemos nalgumas apresentações – nós já fizemos digressão pelo país quase todo com este espetáculo – pessoas a saírem a meio do espetáculo porque ficaram extremamente perturbadas, porque reconheceram o meio onde cresceram, a casa onde cresceram, o nível de violência a que foram sujeitos.

É um espetáculo que mexe muito com o espectador. É muito ativo do ponto de vista do espectador e não se fica indiferente. Claro que não é só por causa do texto, é também devido à interpretação do Albano Jerónimo. É um espetáculo bastante potente.

**SOCIALiS:** Para além destes temas, que a Cláudia retratou, reparamos também que a Cláudia fala no feminino. Considera necessário criar novas formas de arte que reflitam o olhar da mulher e não sobre a mulher?

“ACHO QUE ISSO ESTÁ MUITO LONGE DE SER CONQUISTADO, AINDA VAI DEMORAR BASTANTE, EMBORA SE SINTA QUE ESTÁ A HAVER UM TRABALHO SOBRE ISSO E QUE HÁ MELHORIAS.”

**CLC:** Sim. Eu acho que o que é preciso neste momento é as mulheres poderem criar de igual forma, com o mesmo respeito e com a mesma consideração e com o mesmo rendimento financeiro, ao nível artístico. Porque eu acho que isso ainda está longe de ser conseguido. Eu acho que basta ver o número de encenadoras, ou de escritoras – por acaso, escritoras neste mo-

momento há bastantes, mas aí as escritoras não dependem de uma escolha. No caso das encenadoras, há uma dependência de um programador ou de um diretor de um teatro em que escolhe quem é que vai programar.

“AGORA, AINDA ESTAMOS LONGE DE CONSEGUIR ESSE NÍVEL DE IGUALDADE. ACHO QUE AINDA ESTAMOS BASTANTE DISTANTES.”

E, de facto, há uma minoria de encenadoras que vai tendo um lugar, que vai tendo esse poder de criar. Eu acho que o que faz falta ainda é o mesmo nível de respeito, de consideração e de espaço para as mulheres artistas, seja em Portugal, seja no mundo inteiro. Acho que isso está muito longe de ser conquistado, ainda vai demorar bastante, embora se sinta que está a haver um trabalho sobre isso e que há melhorias. Se olharmos, desde há 20 anos, há claras mudanças a todos os níveis. Agora, ainda estamos longe de conseguir esse nível de igualdade. Acho que ainda estamos bastante distantes.

# DEBATE NA IMPRENSA

## II OFÍCIO DA ARTE

Tânia Gomes

Membro da Redação

“Não existe teatro online, não há adaptação possível” chama à atenção Fernando Mora Ramos, encenador do Teatro da Rainha, numa notícia no Diário de Leiria de 14.04.2020. Segundo a mesma notícia, o Teatro da Rainha afirma a necessidade de se repensar o modelo de financiamento de uma arte que não pode ser feita “em teletrabalho” e que não existe sem público.

■

**“É NOTÓRIO UM GRANDE RECEIO POR PARTE DOS PROFISSIONAIS INDEPENDENTES (...) DE SEREM PRIVADOS DA POSSIBILIDADE DE ACESSO, NESTE MOMENTO, A QUALQUER DOS APOIOS ANUNCIADOS.”**

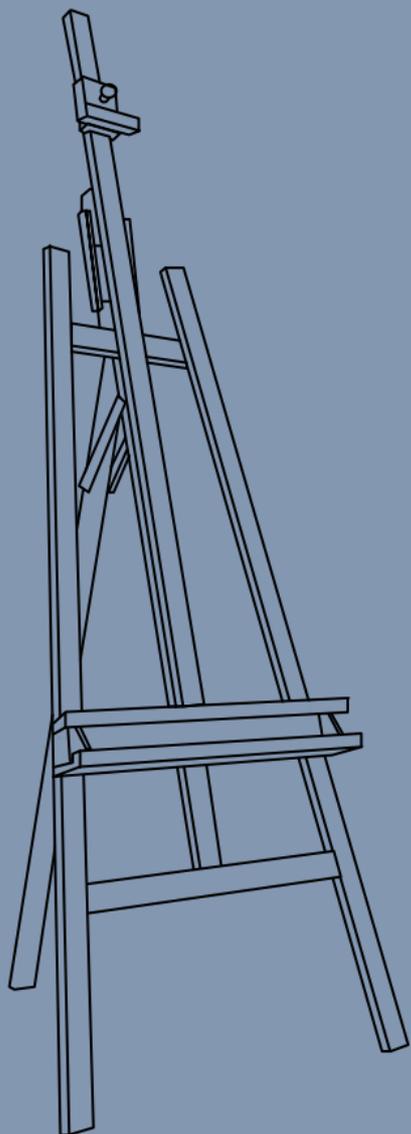
■

Para além deste caso, é também alvo de atenção a influência da atual pandemia no setor da dança. Segundo um artigo da RTP Notícias de 09.04.2020, é revelado também que este ramo das artes se encontra sob fo-

...

go direto da precariedade que veio a acompanhar o desenvolvimento da pandemia da COVID-19 em Portugal. É com isto em mente que Marco da Silva Ferreira, coreógrafo e bailarino vencedor da primeira edição portuguesa do concurso “Achas que Sabes Dançar?”, defende que a arte deveria ser aceite “como um serviço público bem protegido” e não um “mero serviço comprado” que simplesmente se cancela (em RTP Notícias, 09.04.2020).

Numa altura em que a precariedade no setor das artes é ainda mais acentuada, inú-



meros representantes uniram-se para pedir a criação de um fundo de emergência para o setor, segundo avança uma notícia do Expresso do dia 07.04.2020.

É com a compreensão que os projetos no setor das artes e cultura não podem ser realizados durante a pandemia que Graça Fonseca, Ministra da Cultura, afirma que o governo vai avançar com uma linha de apoio de emergência para os artistas e entidades culturais que se encontram “em situação de vulnerabilidade” (em Jornal de Notícias, 23.03.2020). É também a pensar nos artistas que a Câmara Municipal de Lisboa criou algumas medidas, entre as quais a isenção, até 30 de junho, do pagamento de rendas nos espaços sociais, o pagamento integral dos contratos já celebrados e o reforço do fundo de aquisições de arte, segundo avança a notícia publicada no Público no dia 16.04.2020.

Mas é durante esta altura em que o governo apresenta medidas que pretendem ajudar os profissionais desta área que é necessário questionar sobre o alcance destas ajudas. Pois tal como avança um artigo no Público de dia 04.04.2020, é notório um grande receio por parte dos profissionais independentes, que caracterizam em grande escala este setor, de serem privados da possibilidade de acesso, neste momento, a qualquer dos apoios anunciados.

# RETRATO

## SER SOCIÓLOGA

**Marta Rodrigues**

**Blue Book Trainee na Comissão Europeia, Bruxelas, Bélgica**

Movida pela vontade de conhecer novas realidades e pela intervenção social, a Sociologia foi a primeira opção aquando do ingresso ao Ensino Superior. Impulsionou o desenvolvimento do espírito crítico, bem como a aquisição de conhecimentos multidisciplinares. Do mesmo modo que a Sociologia estuda a mudança social, o meu percurso profissional tem sido pautado pela mudança dada a multiplicidade de experiências em Portugal, bem como a passagem pelo estrangeiro (Consulado-Geral de Portugal em Barcelona e União para o Mediterrâneo). Embarcar numa aventura além-fronteiras permitiu aprimorar o domínio tanto das relações laborais como humanas e multiculturais. De momento encontro-me em Bruxelas a realizar um estágio na Comissão Europeia(CE) e escrevo no contexto da pandemia da COVID-19. Até então, a maior parte da experiência foi em teletrabalho, o que não deixa de ser uma oportunidade de adaptação a novos desafios e de desenvolvimento de competências ao nível do saber-fazer. Para o trabalho que tenho desempenhado na CE, no âmbito da inclusão

social –área de especialização de Mestrado – a Sociologia tem-se mostrado uma mais-valia. O papel da Sociologia e seus profissionais no geral, e particularmente face à situação de emergência sanitária que atravessamos é crucial, pela capacidade analítica e de intervenção perante os impactos sociais que, entre outros aspetos, nos revela alguns efeitos da globalização e a relevância da responsabilidade social e solidariedade. Os grupos mais vulneráveis como os desempregados e trabalhadores precários, migrantes, refugiados, grupos étnicos e portadores de deficiência, serão os mais afetados por esta crise, pelo que o planeamento e implementação de soluções neste âmbito são fulcrais.

A EQUIPA SOCIALiS APRESENTA:

# CARA COROA

EM CADA EDIÇÃO JUNTAMOS DUAS PESSOAS ALEATÓRIAS À CONVERSA SOBRE UM TEMA COMUM.

ESTE MÊS IREMOS LANÇAR UM EPISÓDIO ESPECIAL. DESCUBRE-NOS NA PLATAFORMA QUE PREFERIRES.



# PANDEMIA: NOVAS FORMAS

O alinhamento da presente edição já estava fechado e a escrita dos artigos em curso quando surgiu a pandemia do novo coronavírus. A equipa do SOCIALiS decidiu, no entanto, aumentar a edição de modo a incorporar este tema de atualidade. Recolhemos testemunhos de estudantes e trabalhadores/as, residentes em Portugal ou no estrangeiro que descrevem, na primeira pessoa, de que forma os seus quotidianos e contextos de vida foram afetadas nas últimas semanas.

[NB: dada a extensão dos testemunhos, tivemos de optar por disponibilizar nestas páginas apenas excertos dos mesmos, a versão integral estará acessível no [nosso site](#).

## ANNA EPPLES

29 anos, Técnica de Serviço Social na Alemanha

“Estou bem porque acho que estamos numa situação de luxo (pelo menos aqui na Alemanha), visto que o sistema de saúde está bem e não há problemas nos supermercados, nem nada... Tenho receio relativamente ao que se vai passar com o resto do mundo: com os refugiados nos campos, com os outros países que têm um sistema de saúde e economia mais fraca.

Espero que venhamos a perceber melhor que trabalhos são importantes para a sociedade e onde temos que mudar. Espero igualmente que as pessoas percebam melhor o que é importante na vida... Também poderá não mudar nada, no fim, porque a economia é demasiado forte.”



Liliana Azevedo

# DE VIVER

ANDRÉ VILANOVA

31 anos, Treinador de Futebol

“Neste momento sinto algum receio em sair de casa. Estou apreensivo.

A nível comportamental, as pessoas vão ter outro tipo de cuidados a ter depois desta fase acabar. Possivelmente vão lavar mais as mãos e evitar o contacto desnecessário para com o outro. Acredito que haverá mudanças e até os espaços públicos deverão ter cuidados com a higiene.”

BRUNA ALEXANDRA

22 anos, Estudante de Sociologia

“A ideia do podcast surgiu simplesmente porque ouço alguns, e os meus dias estavam a ser pouco produtivos. [...] A minha rotina tornou-se mais “cheia”, mas encontrei uma coisa que me diverte e por isso o tempo é passado de forma mais positiva. [...] Mas uma das coisas boas que o podcast me trouxe foi o estar em contacto com mais pessoas. Tenho mais pessoas a interagir comigo neste momento, e isso é bom!”

ANÓNIMO

25 anos, Estagiário da PSP

“A nossa rotina foca-se mais, neste momento em relação às fiscalizações de trânsito a maior parte das pessoas deslocava-se para trabalhar ou cuidar de alguém, contudo, existiram alguns casos excecionais de pessoas que não tinham motivos válidos para se estarem a deslocar mas esses eram mandados para trás de volta às suas residências de pandemia, em sensibilizar as pessoas e em fazer operações de fiscalização de trânsito.”



## JOANA DE OLIVEIRA

**38 anos, Responsável por vendas e logística em França**

“O vínculo social está quebrado com muitos dos amigos e professores. Deste isolamento resulta um pensamento sobre a mudança de nosso modo de vida. Também temos uma grande consciência da liberdade que temos: o livre movimento. Um bem muito precioso que nos faz tanta falta hoje. Vivemos num país de direitos e essa situação faz-nos pensar numa guerra... uma guerra contra um inimigo invisível: o vírus. Mas os homens têm uma qualidade insuspeita de muitos: a resiliência.”

## SARA QUARENTA

**23 anos, Enfermeira**

“Tenho muitos colegas infetados e tem sido difícil repor as horas deles. [...] Inicialmente voluntariei-me para integrar uma equipa de COVID onde prestaria cuidados diretos às pessoas. Isso acarretava ter de sair de casa e “mudar-me” para um hotel durante esse período sem poder vir a casa por tempo indeterminado. Seria hotel-hospital hospital-hotel. [...] Temos sempre medo de ser portadoras do vírus e levá-lo para as nossas

famílias. [...] Mas a verdade é que ultimamente o cansaço psicológico é maior do que o físico. [...] Às vezes sinto-me deprimida sem motivo aparente, mas depois lembro-me por que estou ali, lembro-me que os doentes precisam de mim ali e precisam de mim com boa energia e passa.”

Liliana Azevedo





## LUÍSA MOREIRA

**23 anos, Enfermeira**

"Outra dificuldade que sinto é usar o equipamento de proteção individual, nomeadamente a máscara cirúrgica, durante 12 horas (duração do meu turno), é bastante incomodativo, provoca reações alérgicas à pele e aumenta o calor sentido, tornando-se bastante desconfortável. [...] O que vejo no meu serviço é que, apesar das coisas por vezes parecerem aflitivas, o mundo não para, os bebés continuam a nascer, as grávidas continuam a precisar de ser vigiadas e as pessoas continuam a precisar de trabalhar. [...] A mim, diretamente, talvez a valorização da sociedade à profissão da enfermagem seja uma das consequências positivas."

## SANDRA BESSA

**43 anos, Assistente operacional, testou positivo para a COVID-19**

"Distanciei-me da minha família com a qual costumo conviver: irmão, sobrinha, cunhada, e, especialmente com tristeza da minha mãe, que vive sozinha! [...] Tristeza e incerteza tomam conta de mim. [...] Senti-me péssima, com frio, com calor, com tremores, medo, dores de cabeça fortes... sei lá pensei que fosse apenas algum stress por ir fazer o teste ou talvez algum receio por estar infetada. [...] Isolada colocava máscara por tudo onde passava, mas... o meu marido já tinha sintomas e por sua vez os meus filhos nos dias seguintes revelaram também alguns sintomas leves, idênticos aos nossos. [...] Desapareciam uns sintomas e apareciam outros. [...] Ia-se vivendo com as dores de uns e outros, segundo as notícias, por vezes entre o 7º e o 10º dia havia um agravamento do estado de saúde, e diariamente o medo e a ansiedade apoderavam-se, receios por outro lado em relação aos vencimentos, baixas a serem pagas a 55% para doentes e a 100% para quarentena... leis, enfim... [...] Fica o medo de exames futuros, fica o medo de possíveis sequelas..."

## SÓNIA GODINHO

**41 anos, Gestora Sénior de Projetos de Cooperação na área da Educação e Juventude na Delegação da União Europeia na Namíbia**

“Um dos grandes problemas é que as medidas de contenção e de diminuição da propagação do vírus não foram adaptadas à realidade africana, e não tiveram em conta o contexto social e económico local, pois não é possível que as pessoas consigam confinar-se em barracas de alumínio, sem casa de banho, frigorífico, eletricidade e água. As pessoas precisam de ir diariamente comprar coisas para comer, usar a casa de banho comunitária, abastecer-se de água e ter acesso a informação. Por estas razões, não se pode aplicar à letra a regra “ninguém sai de casa”, como em certos países europeus.

Era suposto ter ido de férias a Portugal na Páscoa. Tenho uma outra viagem planeada para Julho, mas neste momento não sei quando será possível ir a Portugal visitar a minha família. Está tudo muito incerto e este aspeto causa bastante ansiedade, é talvez o mais difícil de gerir neste confinamento expatriado.”



## JOANA FERREIRA

**24 anos, Educadora de Infância**

“Criar uma rotina nestes tempos de quarentena não foi, nem tem sido fácil. A princípio não consegui implementar qualquer tipo de rotina, mas comecei a notar, física e mentalmente, que não ter uma rotina minimamente estruturada, não me estava a fazer bem. O início da quarentena foi pior, ao nível de estado de espírito, estava mais em baixo e receosa. No entanto, agora sinto-me melhor e mais preparada para viver as consequências desta pandemia.”



Mariana Ferreira

## MARIANA JERÓNIMO

**20 anos, Estudante do 2º ano do curso de Educação Básica em Erasmus na Bélgica**

“A realidade mudou repentinamente e com ela as notícias sobre o alastrar do vírus passaram a fazer parte do meu dia-a-dia. Um e-mail da faculdade cai na minha caixa de correio, [...] informava que, a partir do dia seguinte, a faculdade iria fechar, porque se tratava de uma instituição com milhares de estudantes locais e internacionais. [...] De um momento para o outro, tudo passou a ser entre 4 paredes, em casa, a acordar

30 minutos antes da aula para me sentar ao computador, para entrar no Skype e ver as pessoas que faziam parte do meu dia-a-dia através de pequenos quadradinhos. Houve uma quebra/rutura com aquilo que já se estava a tornar na minha realidade em Vorselaar, e a COVID-19, sem ser convidada, passou a ser meu colega de Erasmus, fez-me começar a mudar a forma como lidava com coisas tão normais como ir ao supermercado, ou estar com as minhas colegas de turma [...] Custa-me estar longe da família, mas vamos gerindo as saudades com mensagens, videochamadas e suportes como vídeos e fotos para não perdermos nada. É difícil viver numa casa com pessoas que não partilham as mesmas rotinas que eu, e em que duas delas nem partilham o mesmo país.”

# NÚCLEO CONVIDADO

## NÚCLEO DE ALUNOS DE SOCIOLOGIA DO PORTO - NASP

**Patrícia Pedrosa**

Presidente do NASP

O Núcleo de Alunos de Sociologia do Porto foi fundado em 2013, com o objetivo de se constituir um ponto de ligação dos estudantes de sociologia e dar voz a esta ciência na sociedade civil. O seu percurso tem tido os seus altos e baixos, no entanto, reconheço a dedicação dos seus dirigentes e associados que, ao longo destes anos, fomentaram este projeto e não deixaram que fosse esquecido. Neste mandato, o NASP encontrou um grupo totalmente inexperiente, que pouco conhecia acerca do processo burocrático, porém, essa seria a menor das adversidades. Estes novos tempos que vivemos atualmente exigem uma reinvenção, oferecendo uma oportunidade para “sairmos fora da caixa”, tal como nos ensinam em sociologia.

Um dos nossos principais objetivos este mandato era, precisamente, renovar e dinamizar o núcleo, de maneira a envolver toda a nossa comunidade, porque acreditamos no potencial deste projeto. Infelizmente, debatemo-nos com uma tendência dos últimos mandatos, difícil de contrariar: a continuidade.

Em nota pessoal, e tendo como plano de fundo a atual conjuntura de desinteresse pelo associativismo no meio estudantil, a qual é vivida também pelo núcleo, destaco a importância do movimento associativo, seja ele de que cariz for. Numa sociedade extremamente individualizada, estas iniciativas são uma lufada de ar fresco no sentido de comunidade e de cidadania que tanto nos faz falta; é a oportunidade de abraçarmos “ser estudante”, porque há toda uma vida académica que se desenrola nestes projetos; é a oportunidade de termos uma voz e de representarmos a nossa comunidade; e, de uma certa maneira, é a nossa primeira experiência de um trabalho a tempo inteiro.

Termino deixando uma mensagem: “pensar sociologicamente pode tornar-nos mais sensíveis e tolerantes em relação à diversidade, daí decorrendo sentidos afiados e olhos abertos para novos horizontes além das experiências imediatas, a fim de que possamos explorar condições humanas até então relativamente invisíveis” (Bauman e May, 2010).

# ATIVIDADES DO NESISCTE

SOCIOLOGOS EM MESTRADO  
14FEV'20



Mariana Ferreira

Com a ajuda de recém licenciados em Sociologia, vários estudantes tiveram a oportunidade de ouvir na primeira pessoa testemunhos de estudantes em diversos Mestrados, contribuindo para a tomada de decisão para quem ainda estava com dúvidas.

3AS JORNADAS DE SOCIOLOGIA  
19FEV'20



Mariana Ferreira

Num dia inteiro dedicado à ciência, tecnologia e sociedade, o NESISCTE trouxe aos participantes um vasto leque de oradores de qualidade, onde foram discutidos vários temas preponderantes para a atualidade.

FIM DE SEMANA DE CURSO  
15NOV'19 & 6DEZ'19



Tomás Gonçalves

Sob os ares refrescantes e harmoniosos da Nazaré, os estudantes de Sociologia puderam desfrutar de um convívio agradável e memórias de um fim semana inesquecível com muitas histórias para contar.

WORKSHOP ENTREVISTA  
2MAR'20



João Miranda

Com este *workshop*, os estudantes puderam adquirir ferramentas preciosas e indispensáveis para utilizarem numa futura entrevista para mestrado ou até mesmo de estágio.

UM OLHAR SOCIOLOGICO SOBRE O MUNDO  
20JAN'20 - 4MAR'20



Mariana Ferreira

Com a parceria da APS, o NESISCTE recebeu uma escola nas instalações do Iscte e deslocou-se a outras cinco, com o intuito de abordar com os estudantes várias perspetivas da Sociologia enquanto ciência e profissão, onde a Sociologia ficou a ganhar.

## DIVAGAÇÕES DE UM SÓ HOMEM

**Ivanilson Francisco Coimbra,  
Estudante de Sociologia**

Num mundo totalmente turbulento e paradoxal em que se proclama e se faz propaganda à liberdade individual, somos governados por imbecis e ignóbeis que nos obrigam a ver e a viver como gado.

E nós, involuntariamente, mas de forma inconsciente, tornamo-nos sócios de clubes de futebol (comunismo, socialismo, liberalismo, fascismo, capitalismo, anarquismo, racismo, etc...) dos quais não possuímos dinheiro para pagar quotas, mas declaramos amor à camisola. O ser humano, ao longo da sua história, afirma-se como uma obra singular e atemporal capaz de atingir um nível de energia psíquica e vital que se permite (ou não) a criar conceitos e quebrar dogmas estabelecidos.

Perante o nosso ego e a nossa capacidade de interpretar e pensar sobre as coisas, é incrível como ainda somos seres tão pequenos que tentamos conquistar este grande mundo, que se impõe de forma imponente perante os nossos olhos e espíri-

to. Se a primeira descoberta do homem foi o fogo, a sua primeira grande criação foi, sem dúvida, a sociedade.

Começamos a viver a partir do momento em que sentimos que conseguimos pensar e agir por nós mesmos.

Nascemos sozinhos, vivemos juntos e morremos sozinhos. É a mais pura e cruel verdade. Não há muito mais a dizer sobre a vida que isto. Não é algo positivo ou negativo. Na vida, as coisas são como são, não como deveriam ser. Apesar da sociedade surgir e ser criada com o objetivo de ajudar e guiar o indivíduo no seu desenvolvimento, é, no entanto muitas das vezes aquilo que impede o seu crescimento.

Todavia, não é por fazermos esta viagem sem sentido e destino que não significa que não devemos ou podemos revitalizar o nosso papel enquanto criaturas visitantes neste mundo.

Agarrar na insignificância e na pequenez que guia o nosso pensamento e nos devora o espírito, misturar com presunção, arrogância e ego para que no final se continue a alimentar e construir a grande obra-prima que é ser humano.

Só sou mais um.

Vivemos tempos que assombram o presente e o futuro, tempos que nos fazem olhar para o passado com uma certa melancolia de saudade. Recordamos tempos onde éramos livres. Hoje sonhamos com um amanhã de liberdade.

A liberdade pode assumir as mais variadas formas, uma panóplia de visões e de sentimentos. Contudo, em tempos de pandemia global, uma das liberdades mais condicionadas é a de movimentos.

No século da globalização nunca estivemos tão impedidos de a experienciar em termos físicos. Com isto, obviamente, tantos amantes de viagens ficaram presos aos seus sonhos e aos seus futuros projetos, imóveis e confinados a quatro paredes, vislumbrando por uma janela um amanhã, onde a experiência de viajar vai voltar a emergir.

Resta a estes viajantes agarrarem-se a uma viagem de memórias, e nada melhor que o nobre exercício de as documentar, onde o papel irá assumir o papel de mapa, linhas serão caminhos e palavras experiências.

Contudo, escrever sobre viagens ou locais visitados, na minha modesta opinião, é um difícil exercício de descrição, viabilidade e realidade. Ora vejamos o porquê.

O viajante tende a purificar a sua memória, reconstruindo na mesma fantasiosamente os

acontecimentos, os locais, as experiências, as vivências e os momentos. Por consequência, transforma todo o seu relato e narração da experiência. Contudo, não posso deixar de achar isso genial e simplesmente fantástico pois, tal como uma grande paixão ou amor, só guardamos os melhores momentos e recordações, como se estivéssemos anestesiados por uma felicidade magistral e magnífica, fazendo com que todas estas memórias e recordações sejam petrificadas no espaço e no tempo, até que desapareçam entre os dedos das mãos, como se fosse areia de um deserto sem fim.

Vamos focar-nos agora no que é ser viajante. Segundo o dicionário, um viajante pode definir-se como alguém que viaja. Um significado vazio e aborrecido, mas que abre a porta para as invariáveis interpretações plausíveis de cada um de nós enquanto viajantes. Para mim, um viajante pode-se traduzir em alguém nómada da vida, alguém cuja a alma deseja libertação da monotonia do quotidiano, que precisa de alimentar a alma com experiências e momentos únicos, ganhando a sua energia emocional, mergulhando-se em culturas distintas, novos rostos e locais únicos. Facilmente se percebe que, assim, a definição de viajante é algo tão único como difícil, ou até mesmo impossível, de explicar e definir.

Um viajante vive vinte e quatro sobre vinte

e quatro horas, consumindo experiências a ler, a sentir, a cheirar, a observar e ouvir sobre viagens. Sonha com o próximo memória a criar e guardar. O verdadeiro viajante não é o que sonha em percorrer o próximo destino, mas sim o que sonha com o próximo destino que o vai percorrer a ele, de maneira a ficar emergido e possuído pelo próprio local.

Viajar é, assim, uma maneira de alimentar o profundo sentimento de pertença ao mundo, viver cada segundo como um nómada neste mundo tão distinto e sem fim.

O maior conselho que posso dar é sintam cada momento e cada memória das vossas viagens como se fosse a última, pois um dia será apenas areia a desaparecer entre os dedos, ficando apenas memórias fugazes de uma felicidade pornográfica. O mais importante é sentir que o nosso coração foi preenchido com esta pequena grande paixão inexplicável chamada viajar.

Este texto, escrito por mim, não é nada mais do que um libertar de sentimentos de quem percorreu menos de 1% do mundo, mas que transformou esse menos de 1% num pequeno prazer e desejo de mais, que agora me faz sonhar com o tal amanhã de liberdade de me movimentar.

*“Atravessei muitos países; mas foram os países que me atravessaram”* - Claude Roy, IN Le Journal De Voyages.

# AS NOSSAS SUGESTÕES

## LITERATURA

---

### **Fróis, Catarina (2020), “Prisões”**

Sabemos que as prisões servem para fechar, retirar de circulação da vida comum, quem pela sua conduta demonstrou não ter direito a viver em liberdade. Contudo, embora seja apresentado como uma forma humanista de punição, assente na disciplina e na reabilitação do indivíduo, o atual modelo carcerário-punitivo suscita cada vez mais questões, desafios e problemáticas.

Para que servem, de facto, as prisões? Que resultados se aferem após o cumprimento de uma pena? Como são estes espaços físicos, que pessoas os ocupam e qual é o seu quotidiano? Eis aqui o retrato de um pequeno mundo fechado à força dentro de si mesmo.

### **Kagge, Erling (2017), “Silêncio na Era do Ruído”**

Uma meditação sobre o poder do silêncio. Neste livro, Erling Kagge coloca três questões: 1) O que é o silêncio?; 2) Onde pode ser encontrado? ; 3) Por que razão é mais importante do que nunca?

O que se segue são 33 tentativas de resposta a estas perguntas. Erling Kagge aborda um tema crucial para os nossos tempos e parte das suas experiências de vida para seguir por uma miríade de caminhos diferentes. «Não se trata de virar as costas ao que nos rodeia», diz, «mas de ver o mundo de uma forma mais clara».

## MÚSICA

---

### **4’33’’, composto por John Cage**

Composta em 1952, estreada numa apresentação ao piano, mas composta para quaisquer instrumentos, esta peça é dividida em três movimentos onde os músicos seguem atentamente as instruções do maestro. Uma obra que se estende por quatro minutos e trinta e três segundos em que o público é parte integrante da mesma.

## CINEMA

---

### **A tribo, realizado por Myroslav Slaboshpytskyi**

Um filme passado num colégio interno para surdos-mudos, onde a única linguagem é a língua gestual ucraniana e para a qual não há legendas. Não há música a acompanhar, realçando o poder da imagem, das emoções verdadeiras e dos sons naturais. O espetador não tem outra solução senão agarrar-se à história, à brutalidade da realidade e à imagem que lhe é apresentada. Sem escapes ou subterfúgios.

# AGENDA SOCIOLOGICA

MAIO

22

What Education? Arquitetura, Ensino e Investigação; 22 e 23 de maio; 10:00; Para mais informações acerca das conferências on-line, [clique aqui](#)

22

MAIO

Transgenics and their contribution to understand violence; 14:30  
Para mais informações acerca da conferência on-line, [clique aqui](#)

MAIO

25

Reflexões sociológicas sobre a pandemia ISUP; 15:00  
Para mais informações acerca da conferência on-line, [clique aqui](#)

04

JUNHO

EU-Citizen.Science - plataforma para a ciência cidadã; 17:00  
Acompanhe o [Congresso #SciComPt2020 Online aqui](#)

JUNHO

18

Envolver o público na importância do conhecimento científico;  
17:00; Acompanhe o [Congresso #SciComPt2020 Online aqui](#)

19

JUNHO

Construindo Ciências Sociais Interculturais; 16:00  
Para mais informações [clique aqui](#)

AGOSTO

31

Repensando Género - arte, política, media e masculinidades; 31 agosto e 1 de setembro; 9:00-18:00; Sala 1, CES

